A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

As notas predominantes da semana, d'esta semana frigidissima, que nos trouxe no seu regaço de neve o Natal, e que se apresenta como guarda avançada do novo anno, foram os funeraes e o testamento de el-rei D. Fernando.

Notas distinctas, posto que egualmente tristes, o sentimento publico approximou-as, confundiu-as, attribuindo a falta de concorrencia das classes populares no enterro do *rei-artista*, á falta de senso do *rei-testador*, quando a morte se avisinhava d'elle.

Esteve, effectivamente, muito longe de ser grandiosa, como podia e devia sel-o, a ultima homenagem tributada áquelle que tão grande fôra pelo nascimento e pelas acções. Cercado de honrarias emquanto vivo, inspirador d'affectos profundos, que se enraizaram no coração de toda a gente, desde a nobreza até ao povo, e que tinham, mesmo, feito calar as censuras provocadas pelo seu casamento morganatico, el-rei D. Fernando, depois de cadaver, quasi que foi apenas seguido ao pantheon de S. Vicente pelo mundo official e diplomatico, pelos servos da casa de Bragança, por aquelles elementos sociaes, emfim, que uma obrigação imprescindivel, mais do que um dever sagrado d'estima ou de reconhecimento, leva a acompanhar á ultima jazida os restos inanimados de reis e principes.

Peza-nos immensamente ter que registrar esta verdade, tanto quanto nos magoou observal-a, mas a mis-

CARRO DE GALA D'EL-REI D. JOÃO V

são de chronista, por vezes dolorosa e difficil, impõe-nos deveres esmagadores.

O enterro d'el-rei D. Fernando—é bem que isto se confesse, embora nos compunja—não foi uma homenagem digna d'elle. Talvez já vissemos prestal-as, mais alevantadas e significativas, a gente quasi obscura, que não teve o seu berço protegido pelo docel d'um throno, e que passou a vida muito longe dos palacios faustosos, erma dos confortos da abastança, immersa na escuridão d'um cantinho ignorado e humilde.

Se é certo que no prestito se viram coches soberbos, conduzindo o que a nobreza e a diplomacia teem de mais rico, em fardas constelladas de ouro e de veneras; se, no cortejo que percorreu as ruas lamacentas da capital, ao som plangente das marchas funebres, não faltaram duques, nem condes, nem marquezes, chamados ali pela sua elevadissima posição na côrte dos nossos monarchas, não é menos certo que o povo se absteve calculadamente de tomar parte no sahimento, roubando áquelle acto solemne o cunho das grandes manifestações espontaneas e sinceras.

O povo, esse colosso formidavel nos seus odios e nas suas sympathias, retrahiu-se; foi testemunha da homenagem official, levado pelo espirito de curiosidade, que lhe é peculiar, mas não quiz associar-se a ella; não teve lagrimas eguaes ás que vertera acompanhando espontaneamente ao tumulo o seu D. Pedro V bem amado; não lhe alanceou a alma a mesma dor pungitiva que sentira, vendo partir-se para sempre da vida aquelle bom rapaz e aquelle desditoso principe.

Entre a multidão que enchia os *trottoirs*, indifferente mas digna, eloquentissima no seu silencio, que era ao mesmo tempo uma reprovação e um protesto, poucos olhos vimos marejados de pranto, pouquissimos rostos ensombrados pela magoa intensa que as grandes desgraças provocam. Quasi tudo estava sereno e impassivel, sem evidenciar penas lancinantes e saudades profundas, embora se mostrasse sempre respeitoso, ordeiro e grave. Em vez d'uma tempestade de lamentos e soluços, um lago estagnado e tranquillo, á superficie do qual não se notava o mais pequeno estremecimento, a mais ligeira ondulação.

No entanto, aquelle povo indifferente e silencioso, era o mesmo que, dois dias antes, tinha corrido em massa a inscrever-se nos registros do Paço, levando uma lagrima ao cadaver do rei e um pezame sincero á familia real. Os restos embalsamados, que percorriam em funebre passeio as ruas da cidade, cobertos de crepe e de coroas de violetas, eram os d'aquelle mesmo principe, que consumira a existencia quasi inteira praticando o bem e a virtude, provocando bençãos e louvores no santo exercicio da missão generosa que a si proprio impozera.

Mas como se explica, então, aquelle reviramento subitaneo? Que imprevisto e estranho facto poude influir por tal forma no grande coração popular, sempre generoso e bom e compassivo, para que, de repente, se calassem todas as exclamações de pena, se transformasse n'um indifferentismo esmagador a viva commoção que a morte de D. Fernando tinha provocado?

Já o apontámos, e comnosco apontou-o, tambem, a imprensa conscienciosa e observadora. Foi o testamento d'el-rei que operou a transformação, esse testamento ao mesmo tempo banal na forma e monstruoso na essencia, onde não fulgura nem uma tenue centelha da provadissima philantropia do testador, onde não transparece, nem mesmo ao de leve, o brilhantismo d'aquelle espirito magnanimo, devotado, durante largos annos d'uma existencia tão util, a suavisar maguas e a minorar infortunios.

O que os actos extraordinariamente meritorios d'um reinado e de quatro regencias tinham feito, aniquilou-o n'um dia aquelle documento deploravel, em cuja elaboração não houve uma unica prova d'apreço consagrada á familia real, um testemunho de gratidão ao paiz, uma phrase de respeito ao nome e ás tradições gloriosissimas de D. Maria II, uma palavra de carinho paternal a filhos extremosos, que o amavam, uma simples lembrança a servos dedicados e fieis, que o prantêam, a despeito de tudo.

Aquella vida, que se dedicára a exemplificar a caridade e o amor da familia, teve por epilogo uma affronta cruel, cuspida na face da nação e nas tapeçarias do throno.

Tristissimo e deploravel epilogo!

Assim como não condemnamos o rei pelas suas disposições testamentarias que, boas ou más, teem o cunho da legalidade, assim não nos é licito reprovar a significativa manifestação do sentimento nacional, ferido por aquellas mesmas disposições.

Todavia, quer-nos parecer que não ha, no acto menos correcto do desditoso principe D. Fernando, motivo de sobejo para que o paiz lhe escureça a historia e fosse menos expansivo nos seus funeraes e junto do seu tumulo.

Duas hypotheses podiam haver-se dado na confecção do regio testamento: —a maldade requintada do testador, ou uma violenta perturbação produzida no seu cerebro pela doença cruel e inexoravel que o accommettera.

A primeira pomol-a de parte, porque repugna a todos os espiritos, e é um torpissimo ultrage lançado sobre o cadaver d'aquelle que fôra sempre magnanimo, bom, affectuoso, esmoler, arrimo de viuvas e orphãos, exemplo de reis, de paes e de maridos.

Resta-nos a segunda hypothese, e essa admittimol-a como unica possivel, dada a enfermidade que lhe decompozera a vista, e que, no dizer de medicos illustres, o tornára pouco a pouco inconsciente, um quasi automato sem energia, nem vontade propria.

N'estas condições, o malogrado principe não merece que o paiz crive impiedosamente de doestos a sua memoria. Em vez de lhe arremessarmos censuras acres sobre o athaude onde repousa, coroemos todos de flores aquella fronte veneranda, onde, muito antes de se apagar a vida, se extinguira, por certo, a luz da rasão. Compadeçamo-nos do desventurado que dorme o somno eterno, e não vamos perturbar-lhe a doce paz do tumulo com affrontas inclementes.

Se as leis teem algum poderio para invalidar a obra d'esse irresponsavel, recorra-se a ellas, muito embora; reclame-se das justiças a emenda d'um erro gravissimo, se é que as justiças dispõem de bastante força para emendal-o, mas não se leve mais longe a falta de generosidade popular evidenciada em 21 de dezembro; não se cuspam injurias tremendas sobre a face livida de um morto sympathico.

*
* *

Agora mesmo me lembro de que devia ter começado pela banalidade tradicional das *Boas-festas*, e reparo em que cheguei ao fim da Chronica sem cumprir o velho preceito indigena.

Se a phrase estafada não morreu ainda, sob o camartello demolidor das innovações hodiernas, envio-t'a, queridissima leitora, como um testemunho da minha sympathia mais profunda e do meu reconhecimento mais sincero.

BOAS FESTAS!

CASIMIRO DANTAS

HISTORIA DA LEGIÃO PORTUGUEZA

D'ÉPINAL A SMOLENSK

Vamos entrar agora na historia da campanha mais terrivel e mais gloriosa tambem da legião portugueza. E' lamentavel que tão brilhantes feitos de armas, como os que os soldados portuguezes então praticaram, ficassem esquecidos, ou fossem lançados em rosto aos seus auctores como outros tantos crimes! Pois o heroismo é sempre heroismo, ainda quando não serve uma causa justa e sagrada.

No anno de 1811 tivera a legião portugueza mais uma reorganisação, que foi dirigida, de accordo com o marquez de Alorna, pelos generaes La Coste, La Roche e Duverger. O primeiro organisou o regimento *d'élite*, em que não entravam, como já dissemos, senão soldados e officiaes portuguezes, e que se compunha de todas as companhias graduadas, formando dois batalhões, um de granadeiros e outro de caçadores, commandados pelos chefes de batalhão Francisco Luiz Trinité e Caldeira. O commando do regimento foi dado ao coronel Francisco Antonio Freire Pego.

O resto dos soldados de infanteria portugueza foram agrupados pelo general La Roche em dois regimentos, que não tinham companhias graduadas. Eram os regimentos 2 e 3, para nenhum dos quaes ao principio se nomeou coronel, sendo commandados pelos chefes de batalhão mais antigos. Os chefes de batalhão do 2 eram Bernardino Antonio Moniz e Balthazar Ferreira Sarmento, sendo este ultimo o commandante do corpo; os chefes de batalhão do 3 eram Francisco Claudio Blanc e Alexandre de Martigny, cabendo a este ultimo o commando do regimento.

O general Duverger organisou a cavallaria, refundindo-a toda n'um só regimento com dois esquadrões, sendo coronel o marquez de Loulé, chefe do 1.º esquadrão João de Mello, do 2.º D. José Benedicto de Castro.

O n.º 1 de infanteria ficou de guarnição em Toul, o 1.º batalhão do 2 em Valence e o 2.º em Lyon, o 1.º batalhão do 3 em Dijon e o 2.º em Auxonne, o regimento de cavallaria em Epinal. O deposito de cavallaria, que estava ainda em Gray, passou para Grenoble a reunir-se ao de infanteria.

Foi assim que a campanha da Russia encontrou os nossos regimentos. Apenas se declarou a guerra, Napoleão que determinara esmagar o immenso imperio com uma immensa catadupa de soldados, não quiz deixar ficar nem um só á rectaguarda. Para isso quiz tambem que se apurassem todos os soldados e officiaes validos, porque a campanha, que se ia emprehender, era, elle bem o sabia, das mais rudes. Foi por isso o marquez de Alorna inspeccionar todos os regimentos da Legião. Bastantes officiaes já estavam reformados, entre elles os coroneis Roberto Ignacio Ferreira de Aguiar e Joaquim de Saldanha, o major Jacintho José do Valle e o chefe de batalhão Julião Rodrigues de Almeida. Todos tinham ficado com o soldo por inteiro, e até com uma pensão a mais, o que é completamente contrario ás leis francezas; mas Napoleão quiz dar ás nossas tropas mais essa prova de apreço.

Muitos soldados tambem obtiveram as suas reformas, podendo ir viver para qualquer departamento de França que escolhessem, comtanto que se apresentassem de tres em trez mezes ao commandante da divisão militar.

Passada a inspecção, apurados os soldados validos, o marquez de Alorna participou que o effectivo da legião estava completo com homens solidos e robustos. Cada regimento de infanteria tinha mil seiscentas e oitenta praças, divididas por doze companhias e dois batalhões, o de cavallaria tinha novecentos e sessenta homens divididos por oito companhias e dois esquadrões. Era pois o effectivo da legião de seis mil homens. O que faltava eram cavallos para a cavallaria, e a isso tratou de providenciar o governo imperial.

Um dos esquadrões foi fazer a sua remonta na Allemanha. Commandava-o D. João de Mello, que passou o Rheno com 200 homens, e foi comprar cavallos ao Hanover. Seguio-o logo o coronel marquez de Loulé com 300 homens já montados. D. José Benedicto de Castro deixou-se estar em Epinal com o resto do regimento á espera de cavallos francezes. Foi este esquadrão que ficou de peior partido, porque não teve senão cavallos de tres annos.

O 1 de infantaria foi mandado para a 1.ª divisão do 3.º corpo de exercito. Era commandado este corpo de exercito pelo marechal Ney, e a divisão pelo general Ledru. As reformas, occasionadas pela entrada em campanha, tinham alterado um pouco o estado-maior dos regimentos. Continuava a ser commandante do 1 o coronel Francisco Pego, mas tinha por chefes de batalhão Balthazar Ferreira Sarmento e Antonio Ferreira Pego. O 2 foi para a 2.ª divisão do corpo de exercito de Ney. Commandava a divisão o general Razout, sendo commandante do regimento Candido José Xavier com Bernardino Moniz e Francisco Luiz Trinité por chefes de batalhão. O 3 foi para o 2.º corpo de exercito do commando do marechal Oudinot para a 1.ª divisão do commando do general Le Grand. Para o commando d'esse regimento fôra nomeado Manuel de Castro Pereira, um dos historiadores da legião; os chefes de batalhão eram os mesmos Blanc e Martigny.

O immenso exercito, composto de 11 corpos de exercito de infantaria e de quatro de cavallaria, fóra a guarda imperial, e os contingentes dos diversos paizes alliados, rolou como uma torrente por toda a Allemanha septentrional, e foi estacar por um instante nas margens do Niemen. A sua força elevava-se então a 637:500 homens e 160:350 cavallos; e comtudo ainda lhe faltavam 43:000 homens e 16.500 cavallos, que estavam em marcha para se lhe unir. Entre essas tropas em marcha figurava o regimento de cavallaria da legião portugueza. Vamos seguil-o no seu caminhar isolado.

Os trezentos homens do marquez de Loulé atravessaram o Rheno em Moguncia, e seguiram por Francfort, Fulda, Gotha, Erfurth, Weissenfels, e Lutzen. Vinha então o marquez de Loulé acompanhado pelo marquez de Alorna, que, não tendo um commando determinado, devia figurar no estado maior general de Napoleão. Em Lutzen o marquez de Alorna, acompanhado por uma pequena escolta, foi a Leipsick comprar cavallos na immensa feira d'essa cidade, que então se estava realisando. Seguiram depois para Torgau, Lubbem, Luckau, e Bescow, onde tiveram um descanço de quinze dias. Seguiram para Francfort sobre o Oder, e alguns dos officiaes foram a Berlim, encontrando-se então com Gomes Freire de Andrade, que, por motivos identicos aos do marquez de Alorna, ia com o seu ajudante de campo, visconde de Asseca, para o quartel general de Napoleão.

De Francfort passaram os portuguezes a Meferitz, Posen Gnessen, Thorn, Culm, Marienburgo, Elbing, Konigsberg, Tapiaw, Insterburgo e Gumbinghem, dando-se n'esta cidade um incidente que devemos narrar.

Entrára o regimento portuguez, de que já fazia parte o esquadrão de João de Mello, que se unira ao marquez de Loulé em Francfort sobre o Oder, e aquartelára-se. Horas depois chegavam as bagagens, escoltadas por um alferes e vinte caçadores a cavallo. A policia e a guarda da porta, composta de soldados prussianos, não quizeram deixar passar uns seis dos cavallos que conduziam as bagagens. O alferes, que era homem de mau genio, não se entendendo com os Tudescos, achou mais simples explicar-se á cutilada. Dá uma carga a fundo sobre a policia e a guarda com os seus vinte homens e põe tudo em debandada. Grande alarido, grande confusão! Os sinos tocam a rebate, e o marquez de Loulé, não sabendo de que se trata, faz montar a cavallo o regimento e corre ás portas. Encontra os seus vinte homens já cercados por trezentos soldados de infantaria prussiana; mas elle tem ás suas ordens quinhentos cavalleiros, que n'um momento desembainham as espadas, e está imminente um conflicto, quando apparece o marquez d'Alorna, que apazigua tudo, chamando o governador da praça, reprehendendo-o pelo procedimento das suas tropas, e compondo emfim a discordia.

De Gunbinghem passou a cavallaria a Wilkowski, a Prenne e a Kowno, onde atravessou o Niemen. Lá estavam ainda as tres pontes de madeira, que tinham servido para a passagem do grande exercito. Em seguida atravessou o Beresina, que pouco tempo depois havia de ficar tão tristemente celebre, em Minski, seguiu por Borisow para Dubrowna, onde encontrou emfim a rectaguarda do grande exercito. Era composta pela joven guarda, commandada pelo marechal Mortier, e ás ordens do marechal se collocou o regimento portuguez. Não tardou a ser aproveitado.

Sabendo que a pouca distancia de Dubrowne passava uma pequena columna inimiga, a caminho de Smolensk, Mortier sahiu ao seu encontro, levando comsigo a cavallaria portugueza, meio de que podia dispôr. O inimigo, depois de um simulacro de resistencia, retirou sem ser perseguido, por não ser numerosa a cavallaria. Foi esta comtudo a primeira vez que as tropas portuguezas se acharam em frente dos cossacos, e com elles travaram combate.

De Dubrowne seguiu a cavallaria para Krasnoi, e de Krasnoi para Smolensk. Ao longe divisaram os nossos soldados os dois exercitos em frente um do outro, cobrindo uma immensa extensão de terreno; mas a cavallaria da legião não se demorou alli, voltou para Krasnoi, onde d'ahi a pouco tempo se lhe uniu o esquadrão de D. José Benedicto de Castro. A sua missão era a de proteger os comboyos. Ao mesmo tempo, o marquez de Alorna era incumbido do governo de Mohilava, e Gomes Freire de Andrade do de Cloboké. Napoleão tratava de assegurar as suas communicações.

A campanha da Russia ia começar devéras.

PINHEIRO CHAGAS.

FREIRAS MIUDAS E SECULARES DE BAIXA EXTRACÇÃO LITTERARIA

SECULO XVIII

Nas minhas peregrinações litterarias atravez das salas das bibliothecas, peregrinações menos trabalhosas que as de Capello e Ivens, e menos accidentadas que as de Serpa Pinto, não raro encontrei, entre outros papeis velhos, noticias de freiras e escrevinhadoras, descarregos de consciencia de padres confessores,

e ainda, de quando em quando, bombasticos elogios, ineditos, ou já dados á estampa, feitos a monjas de grandes virtudes por alguns seculares menos abastados d'ellas do que as suas biographadas.

De parelha com estas locubrações semi litterarias, decoradas com todas as licenças do estylo, e antecedidas, conforme o uso dos tempos, de informes poesias encarecendo os merecimentos dos livros, achei impressos, com especialidade referidos ao seculo passado, muitos folhetos, todos semsaborissimos, maltratando uns brutalmente o sexo feminino, exaltando-o outros além de verosimil, ora com hyperbolicas ampliações, ora com decrepitos aphorismos dos santos padres, ou com sentenças dos philosophos gregos e latinos de maior nomeada.

Apesar de eu querer tornar este estudo o mais completo que me seja possivel (a) dando n'elle noticia de todas as escriptoras portuguezas sem exepcção, entendi dever enfeixar algumas em um só capitulo, para não diluir em larga escripta as dozes homeopaticas do talento de qualquer d'ellas em particular.

Que havia eu, por exemplo, dizer em boa consciencia de uma D. Lionor de Noronha, que em vez de cozer e fiar, como D. Francisco Manuel acconselha ás mulheres na sua «Carta de Guia de Casados» se pôz a perder o tempo escrevendo um tratado sobre a oração do Padre Nosso?

Que importa ao leitor moderno travar conhecimento com tres freiras, todas tres chamadas Marias Magdalenas, e quem sabe se arrependidas dos seus peccados, como a sua grande homonyma e prototypa, tão merecidamente laureada no Ceo, mas todas tres incapazes de escrever coisa com geito, embora inspiradas do mais acrisolado amor por tudo quanto sahia da rotina da vida profana, e aspirava aos perfumes dos thuribulos das sacristias?

Que proveito poderá advir ás letras patrias da leitura da «Vida de soror Ignez de Jesus» freira professa no convento da Annunciada (b) a não ser o nascido da meditação do seu retrato physico, que por ser de uma santa nos dá idéa de como foram, ou podiam ter sido outras santas, que a antecederam no caminho da bemaventurança?

Não quero eu aqui alvorotar sensualidades tratando de coisas piedosas, senão diria que soror Ignez de Jesus foi mulher: *de disposição gentil, branca na côr, mas sem desmaio, bocca pequena, rosto comprido*, e para complemento d'este harmonico conjunto, de *olhos verdes*, que, no dizer popular, em poucas caras os vêdes.

Como o livro a que me refiro, encontrei muitos outros, abundantes de milagres, e pela sua estupida crendice envolvidos na aspera e bem merecida censura que o padre José Agostinho de Macedo fez da escripta de um certo Frei Caetano do Nascimento (c) em carta dirigida ao arcebispo vigario geral, D. Antonio José Ferreira de Sousa (d) aonde se lê: «*Para dizer como costumo, toda a verdade a V. Ex.ª, eu tenho poucos conhecimentos da sublime theologia mystica, não me são muito familiares as obras de Maria d'Agreda, e de outras Marias: li uma vez e não quiz mais, a* «Vida de Maria da Purificação» *escripta pelo seu confessor. Larguei tudo quando cheguei áquella scena divina em que o menino Jesus* (diz a tal vida) *vinha todas as noites jogar as cartas com a serva de Deus, e o caso é que o credulo Padre Bernardes, apesar do seu bom portuguez, transcreveu nas* «Florestas» *esta relação escripta pela mão da propria serva de Deus!*»

Eu, que sou ainda menos lido em theologia mystica, do que confessava sel-o o padre José Agostinho, para dar rasão cabal de mim tambem folheei de relance a «Vida da Madre Marianna» mas sem me espantar do que li, por ter já conhecimento antigo do *Jardim de Ceo plantado no convento de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Braga*» obra da mystificadora madre Maria Benta do Ceo, a mais seraphica engendradora de patranhas que seja possivel encontrar-se.

Entre outras coisas sobrenaturaes de menor monta, escreveu a visionaria freira: «*Foi tambem abbadeça d'este convento D. Constança Carrilho pessoa de perfeição tão singular, que sempre que commungava ficava estatica, algumas vezes a viram cinco palmos elevada no ar!*»

Pois foi d'esta Maria Benta que Innocencio da Silva diz no seu Diccionario, que não fôra das que mais abundaram em revelações e milagres!

Como prova da potente imaginação de Maria Benta, que assim como lhe deu para mentir lhe desse para coisa boa, não teria eu duvida em a suspeitar como podendo ser uma rasoavel romancista, attendendo á cultura do seu estylo, e á sua correcta dicção, ahi vai mais um dos casos narrados pela pantomineira a paginas 19 do capitulo primeiro do seu «Jardim do Ceo». *Della* (da primeira abbadeça do convento de S. Clemente) *deu por muitos seculos testemunho o seu sepulchro manando azeite com tanta abundancia, que d'elle se provia o mosteiro, e a alampada do templo. Seccou esta fonte de misericordia no anno de 1611, em que ainda viviam algumas religiosas que deram testemunho d'este milagre!*

Bem enxovalhada de sua pessoa devia ter sido em vida a tal abbadeça, para ficar ainda depois de morta a escorrer azeite, como pipa de retem nos armazens do Vêr-o-Peso! (e)

Ora esta; como outras, que taes escripturas milagreirsa, e de curto alcance intellectual, teem talvez direito a entrar na rêde varredoira da bibliographia, mas nunca por modo algum prender as attenções da critica prestante, que de frioleiras se não deve occupar.

Não obstante mencionarei, ainda que de passagem, dois outros livros de igual jaez, sendo um d'elles a *Vida interior da madre Michaela de S. Boaventura*, do mosteiro de Odivellas, e outro a *Vida da Madre Leocadia da Conceição*» escripta pelo seu confessor, diffusos estendaes de virtudes freiraticas em que, pelas duvidas, entra sempre de preferencia a virtude da castidade, que as chronicas monasticas, e nomeadamente as dos Carmelitas descalços, por vezes denunciam como haver faltado aos anafados mandriões que exemplicavam a eterna verdade de que o homem não vive só para comer e beber, e que se o mundo e o diabo são dois grandes inimigos da humanidade, a carne nada lhe fica a dever em exigencias pouco conformes com a dieta amorosa a que o celibato condemna o clero catholico.

A prova d'este asserto está na multidão de causas crimes em que figuram frades, quasi sempre absolvidos pela influencia das communidades, que invariavelmente se punham por detraz dos delinquentes para, salvando-os a elles, salvarem tamhem a honra da classe, conservando o prestigio de que tanto careciam as já escalavradas instituições monasticas.

Em competencia com a esterilidade intellectual das freiras, tambem a secular Joaquina Candida de Souza escreveu um engoiado *Cathecismo Religioso*, e a reclusa Guiomar de Vilhena as suas *Considerações sobre alguns passos de Nossa Senhora*, finalmente a freira professa Maria de Mesquita Pimentel o seu *Memorial da infancia de Christo*, em que a piedade trava lucta de morte com o senso commum, ficando este vencido pelas excentricidades da obscura ascendente de Renan, e de quantos n'estes ultimos tempos tem applicado o criterio philosophico á mais amoravel e racional de todas as religiões.

Mas como não haviam as pobres freiras ageitar-se ao meio exclusivo e acanhado em que viviam, se de uma que pretendeu levantar o vôo, escreveu o auctor do Theatro Heroino: *Com os ventos dos applausos que lhe davam cahiu desvanecida na vangloria de poetisa com grave descuido nas obrigações do estado, pelo interesse do estudo!*

Em quanto a litteratura femenina, e conventual, assim se arrastava deslavada e milagreira, excepto por occasião das eleições abbadeçaes, em que o Pégaso se desencabrestava, e as musas travêssas davam ás freiras do peor que tinham para cantar as novas eleitas; e emquanto fóra dos mosteiros pelulavam os folhetos pró e contra o sexo feminino, resuscitavam em novas edições livros já esquecidos qúe de mulheres tratavam, todos mais ou menos devertidos, uns pela inepcia dos seus auctores, outros pela gravidade comica com que a erudição procurava especar a pouca solidez do edeficio.

Tenho presentes dois folhetos, ambos de má catadura, intitulado um «*Castalia Metrica*,» offerecido a D. Luiza de Moura, a celebre rival de D. Feliciana de Milão na conquista das boas graças de D. João V; o outro tendo por titulo «*Parnaso Festivo*» em applauso de D. Maria Izabel Gorgel do Amaral, abbadeça do mosteiro de Santa Maria de Almoster.

Quem tiver a paciencia que eu tive, leia estes dois engoiados folhetos, e lá verá os desanchavos metricos com que as freiras miudas de Odivellas e de Almoster festejaram as suas respectivas abbadeças, especialmente a Gorgel, de quem no prologo da versalhada em seu louvor se affirma: *que humbreava em talentos com Minerva, já no elevado dos conceitos com que fallava, já no elegante estylo com que escrevia, já finalmente no sonoro dos metros com que tocando de Apollo a doce lyra ou enmudecia o Parnaso a escutal a, ou se suspendia Aganippe a attendel-a!*» (f)

Todas as obras de freiras que li, sem exceptuar uma unica, eram antecedidas de quadras, sonetos, epigrammas, romances, sylvas, e sextinas, tudo de lavra feminina, em honra das auctoras dos livros, sem excluir por vezes a collaboração de alguns

(a) O livro que conservo inedito ácerca das escriptoras portuguezas.

(b) Escripta por Francisco de Sousa Alcoforado Rebello, 1731.

(c) O livro entitula-se «*Fragmentos da prodigiosa vida da muito favorecida; amada esposa de Christo*» a veneravel madre Marianna da Purificação, 1747.

(d) Esta Carta tem a data de 2 de fevereiro de 1826.

(e) O Sr. Pereira Caldas, estimado prescrutador de antiguidades litterarias, escrevendo a Innocencio da Silva a respeito da madre Maria Benta, diz que no convento da Conceição da cidade de Braga eram accordes todas as memorias em affirmar que ella realisava em si os epithetos que no seu livro attribuira ás suas irmãs em Christo, accrescentando que aspirava: *A imitar Isaac, na obediencia; Susanna na castidade; Esther, na devoção; Moysés, na santidade; Jeremias, no pranto; Abraham, na fé; e Job, na paciencia!*»
Ao menos valha-nos isto.

(f) D. Maria Gorgel do Amaral foi filha do capitão-mór da provincia de S. Paulo, e irmã de Manuel do Amaral Gergel que militou com destincção em Mombaça, e de Claudio Gorgel do Amaral, que foi academico da Academia Real da Historia Portugueza e superintendente das obras do aqueducto das Aguas Livres. Teve ainda um terceiro irmão padre, que foi prior da egreja de S. João d'El-Rei, na provincia de Minas Geraes.

A NATIVIDADE

frades na meritoria empresa de encher papel, até o folheto poder alargar-se a duas ou tres folhas de impressão, a que não excede nenhum dos muitos que tenho presentes.

Approximadamente pelo mesmo tempo em que as freiras davam publicidade aos seus hymnos laudatorios, punham os auctores profanos em duvida a sinceridade das crenças religiosas das seculares, em folhetos desenxabidos, e érmos de ideas, tal como os que teem por titulo: *Devoção das mulheres da moda na egreja, e o modo por que nunca ouvem missa* «e est'outro:» *Methodo pratico com que as senhoras mulheres assistem nos templos, principalmente no tempo dos sermões o qual jocosoriamente expõe para correção a tão estranhos abusos*» seu auctor. (g)

Memorias do seculo passado, mais sisudas que os dois pseudos pampheletos contra a maneira com que as mulheres ouviam missa, e assistiam aos demais actos religiosos, applaudem a severidade das pragmaticas mandadas pôr em execução por D. João V, para refrear o luxo femenino, e regular-lhe a devida compostura, com especialidade nos templos.

Parece, porém, que o mal tinha tão fundas raizes que as pragmaticas ficaram sendo letra morta, tornando-se necessario, já passados annos, que o intendente Manique, homem de resoluções apertadas, officiasse aos corregedores dos bairros da cidade ordenando-lhes que intimassem as modistas, *sob pena de serem reclusas na casa de correção do Castello de S Jorge*, a não fazerem vestidos ás pessoas do sexo feminino de forma que offendessem a modestia, e a *santa religião*, isto por haverem mulheres que appareciam em publico *quasi nuas, provocando os homens a fins libidinosos!* (h)

Já agora, vá tudo. Um anno antes da publicação dos dois folhetos de que acima dei noticia, isto é, em 1773, com o nome supposto de Jacome Tenorio Trancofim, um parvo qualquer, que só ajuizado andou em se mascarar, sahio a terreno com um livreco, que trazia este ennovelado titulo: «*O juizo dos homens e a formusura das mulheres defendidos e exaltados em um problema que dedica aos senhores leitores papelistas, seu auctor* .. Segue-se a assignatura disfarçada do insigne amontoador de dislates, que julgava haver resolvido um problema, e apenas estabelecia as premissas de um raciocinio que logicamente conduzia a aquilatal-o como um verdadeiro orate.

Os maus exemplos são contagiosos. Um anonymo que não quiz ficar atraz do sr. Jacome Tenorio, publicou no mesmo anno a «*Carta curiosa em que se mostra a vaidade, opinião e amor proprio das senhoras mulheres*» custando com effeito a decidir qual dos dois foi mais desamparado da graça divina, se o apologista, se o diffamador do sexo feminino.

De remissa ficaram os dois embrechados, devemos crêr que com poucos ou nenhuns leitores, quando em 1751 a sr.ª D. Gertrudes Maria de Jesus, houve por bem publicar as suas «*Cartas apologeticas em favor e defesa das mulheres*» tendo sido melhor para estas deixarem-se julgar á revelia, do que aceitar uma advogada ex-officio tão mingoado de recursos dialecticos, como destituida de engenho para articular os seus provaras.

Assim corriam de mal a peior os interesses intelectuaes e moraes das mulheres portuguezas, quando um presbytero se lembrou de fazer em 1765 uma segunda edição dos «*Privilegios e prerogativas do genero feminino*, do licenciado Ruy Gonçalves, (i) obra dada á estampa em 1557, e offerecida á rainha D. Catharina; *como a mais excellente e suprema princeza do mundo*, e pelo presbytero editor dedicada em segunda mão á rainha D. Maria I, a quem, diz o padre, *querer obsequiar para mostrar aos vindouros que fai proectora do seu sexo contra os mentirosas opiniões dos antigos escriptores*.

Que erudito, e ao mesmo tempo santo varão, ou *macho*, coelle chama aos homens, foi o licenciado Ruy Gonçalves!

Custa a crêr como elle, depois de aturar rapazes em Coimbra, e ter os cuidados presos ás tricas da advocacia, ainda tivesse pachorra para invocar Salomão em seu auxilio, remecher nas cinzas do jurisconsulto Papiniano, e explorar como perdigueiro de bôa raça os matagaes e urzes das Ordenações do Reino, para d'ellas saccar argumentos em favor do *genero* feminino!

Ouçamos primeiro o presbytero, e editor do licenceado Ruy Gonçalves, e tambem capellão da rainha D. Maria I. Diz elle, como que envergonhado de ser padre e se dar por sabido de coisas tocantes a mulheres: «*O sabio benidictino hespanhol padre mestre Frei Bento Jeronymo Feijó, e o doutor João Alonso dos Ruizes Fontecha, lente de vespera em medicina na Universidade de Alcalá, que ambos escreveram a favor do sexo feminino, me fizeram lembrar d'este livro portuguez ao mesmo assumpto que havia composto o doutor Ruy Gonçalves, para novamente o dar ao publico.*»

«*Estes tres escriptores e pangyristas do sexo feminino, que eram um theologo, um medico e um jurisconsulto, escreveram em tres successivos seculos: o nosso Ruy Gonçalves é o mais antigo, pois viveu no meio do seculo XVI. O doutor João Alonso no principio do seculo XVII, e o padre-mestre Feijó foi dos mais famigerados homens d'este seculo XVIII.*

«*Eu prefiro o mais antigo por ser nosso compatriota, por ser mais respeitavel pela sua ancianidade, e por que além dos elogios que faz ao sexo feminino, escreveu as suas prerogativas e os privilegios que o direito lhe concede.*»

Vamos agora ajustar contas com o licenceado Ruy Gonçalves, deixando em paz o padre capellão de rainha D Maria I.

Aquillo a que o lente da Universidade de Coimbra chama privilegios, mais não são, a meu vêr, do que limitações do direito commum, umas vezes em menoscabo da dignidade feminina, outras vezes da sua capacidade juridica.

Pela legislação commum d'aquelles tempos, quem offendia um ecclesiastico tinha a pena de excommunhão, e só pelo Papa podia ser absolvido. A' mulher, porém, podia ser levantada a excommunhão pelo bispo da diocese a que pertencia, pela rasão *de que seria muito perigoso á sua honestidade e honra, ir buscar a absolvição a partes tão remotas.*

Este chamado privilegio mais não é do que fundada desconfiança na fortalesa de animo do sexo feminino.

Outro privilegio. A mulher podia roubar o marido até á quantia de um marco de prata, crime punido nos homens com a pena de morte, sendo a mulher apenas obrigada a restituir o furto.

Este previlegio estendia-se á mulher *que estivesse por barregan de homem solteiro, clerigo ou religioso!* Esta prorogativa presupõe completa falta de vergonha na mulher ladra, e ainda por cima barregan de clerigo, e mais parece concessão feita ao clero devasso, do que uma regalia do sexo feminino.

Mais outro privilegio. A mulher honesta não polia ser presa por dividas mesmo no fisco; porém se fosse casada, e estivesse aberregada, havendo já dois annos o marido ausente, poderia então ser presa. N'este caso a honestidade, era apenas considerada como um estimulo á falta de outros deveres sociaes.

Ainda um outro privilegio, que cheira a injuria. A mulher não podia descobrir, nem denunciar delictos; mas podia ser encarregada de o fazer, *como pessoa que tem rasão de os conhecer e descobrir melhor*. Por conta propria incapacidade legal para denunciante; por conta alheia, prestimo reconhecido para malsim, e artes incontestadas para pesquizar das vidas do proximo!

Além dos previlegios legaes concedidos ás mulheres, e ennumerados pelo licenceado Ruy Gonçalves, teem ellas, segundo o mesmo jurisconsulto, o previlegio natural *de crescerem mais cedo que os homens, porque tambem são de menor vida, segundo os philosophos.*

Este previlegio natural, se o era em 1557, está hoje desmentido pelas modernas estatisticas, não me parecendo que o fosse na epocha a que se refere o livro.

Longe da minha idéa pretender, com estas reflexões, empanar a gloria do mestre Ruy Gonçalves, que entre as prerogativas do sexo feminino que cita, e são cento e cinco, mette mais esta na conta: «A mulher póde fugir da cadeia em que estiver presa, sem se lhe imputar nova pena, se fôr para conservar a sua pudicicia e castidade, e temer ser offendida n'ellas pelos carcereiros!

Ora é com um livro d'esta ordem, que o editor, e capellão da rainha D. Maria I, disse no seu prologo *querer lisongear as fidalgas portuguezas*, como se as damas da côrte tivessem plausibilidade de darem entrada nas enxovias, para de lá, invocando as leis, fugirem aos requebros brutaes dos carcereiros!

Quando o anonymo presbytero dava á luz a segunda edição do livro do doutor Ruy Gonçalves, contava ja então trinta e cinco annos de edade a marqueza d'Alorna, destinada pelo seu preclaro talento a vingar o seu sexo das immerecidas accusações de inhabilidade litteraria, e despresando, como quem d'elles não carecia, os privilegios e prerogativas concedidos ás mulheres pelas Ordenações do Reino.

L. A. PALMEIRIM.

(g) Estes folhetos, e outros da mesma laia, encontram-se em um volume de papeis varios com o N.º 25 na Est. 46 da bibliotheca do extincto convento de Jesus, e ambos elles teem a data de 1774.

(h) O officio do Intendente Diogo Ignacio de Pina Manique, tem a data de 26 de março de 1814.

(i) O doutror Ruy Gonçalves foi natural da ilha de S. Miguel, lente de Instituto na Universidade de Coimbra, tomando posse da cadeira em 27 de outubro de 1539. Máis tarde veio para Lisboa exercer a advocacia, sendo despachado advogado da Casa da Supplicação. Impremio o seu livro na officina de João Barreira ,em 1557 O titulo completo da obra do licenciado Ruy Gonçalves é o seguinte: «*Privilegios e prerogativas que o genero feminino tem por direito commum, e Ordenações do Reino, mais que o genero masculino.*»

A MORTE DO MORGADO

O morgado era a esperança da familia.

Sobraçando a carta de bacharel e uma fama altisonante de chefe de troça coimbrã, entrára, coberto de gloria e de *pose*, no velho solar das seus sexagenarios paes, que se reviam n'elle com orgulho e soberba. O morgado não era positivamente um homem de talento, mas podia tomar-se como um rapaz esperto e aproveitavel.

Sob o ponto de vista phisico, não havia que lhe dizer. Boa figura, bom bigode, olhos grandes, magnificos cabellos sedosos,

dentes brancos e faces rosadas; no conjuncto, um rapaz bonito.
Bom cavaqueador, abastecido de fina pilheria e de anecdotas frescas, loquaz e despreoccupado, elegante e amavel, o morgado estava talhado para ter um successo no parlamento e nos salões da capital.

O pae já preparava as cousas para fazer eleger o filho deputado; o governo protegia-lhe a candidatura, e as adhesões marchavam excellentemente.

Por seu lado, o morgado caçava de madrugada, dormia de tarde, tocava piano depois de dormir, e lá pela noite alta sahia de casa e ia muito tranquillamente encontrar-se com a Rosalia, a filha do caseiro da quinta, a moçoila mais bonita e requestada que havia por aquelles sitios.

Elle tivera o seu trabalho para a conquistar; apanhara mesmo alguns empurrões da rapariga, mas conseguira por fim ganhar-lhe o amor, um amor ardente, apaixonado e terno.

Rosalia, porém, tinha um noivo, o Manuel da Bogalha, rapaz valente, arrojado, ciumento, audacioso e forte, que a adorava com uma paixão fanatica e selvagem, terrivel como o amor de um leão.

Manuel era trabalhor na quinta do morgado, e embirrava com elle instinctivamente. Aquelle monoculo de crystal, muito fino e polido, que lhe dava ao olho direito a apparencia d'uma lua cheia reflectida na superficie d'um poço, aquella luva amarella com riscos pretos, os collarinhos altos em forma de colleira, e o bigode retorcido e petulante, ao passo que as faces, barbeadas com esmero, eram lisas como as de uma mulher, erritavam-n'o terrivelmente. O nosso camponio sentia-se com impetos de torcer, entre os seus dedos grossos, de unhas sujas, aquelle janota arrebicado.

A Rosalia, pelo contrario, achára tudo aquillo muito bonito, muito delicado, muito exquisito, e d'ahi, as faces e o bigode do morgado cheiravam tão bem, que era mesmo uma consolação beijal-o...

O pae queria que ella casasse com o Manuel, por este ser herdeiro unico d'um tio rico; mas ella não se rendia, e dera ao morgado todo o seu amor, todos os seus carinhos, todas as suas esperanças, toda a sua pureza, voltando com a maior semceremonia d'este mundo as costas ao Manuel, fugindo d'elle, não lhe apparecendo á noite. O desgraçado, de genio reservado e sorumbatico, não se queixava, mas não dormia bem, tinha pezadelos horriveis, e, por vezes, o olho escarninho do morgado, munido do irritante monoculo, apparecia-lhe em sonhos como visão diabolica d'um somno de febre.

Uma noite, porém, em vez de se retirar para casa, tendo-lhe a Rosalia dito que não podia fallar-lhe por estar doente, o Manuel foi postar-se detraz do curral, a fumar no seu cachimbo de gesso.

A noite estava clara. Fazia lua nova, e os campos viam-se distinctamente até grande distancia.

Ali sosinho, o Manuel da Bogalha dava tratos á imaginação para descobrir a causa da mudança, e do indifferentismo da Rosalia.

De repente, quando ia já a retirar-se, sentiu passos do lado do palheiro. Escondeu-se no curral e espreitou pela fenda da porta entreaberta.

A lua brilhava então como um monstruoso disco de ouro, e a sua luz suave e esbatida illuminava vigorosamente a esbelta figura do morgado, manejando a bengala de ebano com castão de prata.

O Manuel da Bogalha sentia o coração estalar-lhe no peito e tinha um nó de ferro na garganta. No entanto, conservou-se á espreita, sem tugir nem mugir.

O morgado soltou um pequeno assobio, a janella do quarto da Rosalia abriu-se, elle encostou ao peitoril a escada da carroça de feno, e subiu com toda a tranquillidade. Depois, a janella fechou-se e o Manuel adivinhou o resto.

Então o rapaz tirou da algibeira a sua enorme navalha, abriu-a e verificou que a lamina ponteaguda era capaz de furar uma porta.

Accendeu o cachimbo, e começou de novo a fumar, com grandes baforadas, que lhe teciam um veu azulado entre os olhos e a face pallida da lua.

—Patife! resmungou elle; e um riso mau passou-lhe pelos labios lividos de colera.

Tinha assente o seu plano. Apenas o morgado sahisse, cosel-o-ia a facadas, sem soltar uma palavra; e depois, fizessem d'elle o que quizessem.

Esperou mais de uma hora, de cabeça entre as mãos, os cotovellos fincados nos joelhos, e o cachimbo sempre acceso.

Subito, sentiu que a janella se abria, e ouvio a Rosalia dizer a meia voz:

—Toma cuidado com os cães. Se te apanhassem, comiam-te vivo. Aquillo são dois lobos!

—Não tenhas medo. Eu passo sempre d'um pulo por defronte da grade que separa a quinta do jardim. Adeus, até ámanhã.

—Adeus!

E a Rosalia fechou a janella, emquanto o seu amante, cá em baixo, accendia um charuto.

O morgado chegou a casa muito satisfeito da sua vida, e n'aquella noite dormiu como um bemaventurado.

O Manuel tambem se fora deitar, mas... não dormiu. Concebera outro plano de vingança mais certeiro, que lhe redemoinhava no cerebro!

*
* *

Tinham passado vinte e quatro horas.

Dava meia noite no velho campanario da ermida da villa, quando o Manuel da Bogalha entrou no pomar.

O *Carocho* e a *Catita* vieram affagal-o, rosnando surdamente.

Estes guardas da quinta eram dois bellos exemplares da raça dos filas, de olhos ardentes, pequenos, injectados de sangue, boccas enormes armadas com dentaduras temiveis, instinctos maus, pouco carinhosos, sempre rosnando desconfiados, e conhecendo apenas o Manuel da Bogalha, que os creára de pequenos.

Os dois terriveis canzarrões tinham fama na terra.

A *Catita* matára uma noite, á dentada, um desgraçado que, subindo a uma figueira, tivera a infelicidade de cahir no solo por se haver quebrado a pernada a que se agarrára; o *Carocho* estrangulára ferozmente um misero ratoneiro, que tivera a audacia de entrar na horta para roubar coelhos.

De dia, os dois valentes animaes estavam presos a fortes correntes, e á noite o Manuel da Bogalha soltava-os, e não havia que temer que alguem entrasse na quinta.

Além d'este homem, que brincára com elles em pequeninos, e que lhes dava todos os dias de comer, os animaes não conheciam mais pessoa alguma. Eram de natural traiçoeiros e crueis. Gallinha que lhes cahisse nas unhas, esphacelavam-n'a n'um abrir e fechar de olhos.

Mesmo um perú dos mais robustos não conseguira resistir-lhes.

Como iamos dizendo, o Manuel affagou os cães e, pegando-lhes pelas argolas das colleiras, levou-os para junto do gradamento que separava a horta do jardim, e sem os largar, abriu cautelosamente a porta.

Depois recuou alguns passos, deitou-se na relva, que era alta, e com uma força prodigiosa obrigou-os a deitar a seu lado.

Os bichos rosnavam surdamente e arrebitavam as orelhas em diversos sentidos.

Subito, ouvio-se ao longe um assobio estridulo, trauteando uma valsa alegre

Os cães estremeceram de raiva.

—Pschiu—segredou-lhes o Manuel, e susteve-os no impeto.

Os animaes aspiravam o ar com força e dilatavam as orbitas ensanguentadas.

O assobio aproximava-se, e á luz pallida da lua desenhava-se perto a figura elegante do morgado.

Era já difficil suster os cães. O Manuel, dispondo d'uns musculos de aço, poude contel-os até que o morgado, aspirando o fumo azulado do seu bello charuto, passou defronte da grade.

—Avança *Carocho*—avança *Catita*, disse o Manuel, largando os cães.

Aquillo foi rapido como um raio.

Os animaes, fungando ruidosamente, atiraram-se como leões ao morgado, que n'um instante foi lançado a terra.

O infeliz soltou um grito medonho. O *Carocho* tinha-lhe partido um braço com uma dentada.

O morgado quiz luctar, mas outra dentada da *Catita* cortou-lhe a carotida direita e deixou-o morto.

Então os cães, raivosos e sedentos de sangue, começaram a despedaçar-lhe os fatos e a carne

Ao longe, subindo pela eira, a figura gigantesca do Manuel, em mangas de camisa e jaleco ao hombro, desenhava-se no escuro como um phantasma vingador.

*
* *

No dia seguinte o cadaver do morgado, completamente desfigurado pelas mordeduras dos ferozes animaes, era conduzido ao cemiterio da villa, acompanhado por toda a gente da terra, que chorava silenciosamente tão grande desgraça

Quando o corpo desceu á sepultura, soltou-se d'entre os circumstantes uma canção alegre e festiva. Era a Rosalia, que, com o olhar pasmado, cantava e dançava em volta da cova.

A desgraçada tinha perdido a rasão.

Na manhã do outro dia o Manuel foi muito cedo ao cemiterio e escarrou com despreso sobre a campa do morgado.

—Patife!—resmungou elle, e todo o dia os seus braços herculeos não descançaram em cavar a terra, como se de cada golpe a enchada retalhasse o coração do infeliz rival.

Alfredo Gallis.

OS OLHOS DE PALMIRA

Esses teus negros olhos innocentes,
Negras estrellas de um clarão jocundo,
Fazem raiar aos olhos meus um mundo
Cheio de sóes, mais do que o Sol, fulgentes.

Sob o docel das palpebras trementes
Teu casto olhar espalha-se profundo
Como um lago ideal, vasto e fecundo,
Irisado de scismas transparentes...

Duplo parcel d'amor, bellos escólhos,
Teus tentadores e divinos olhos,
Oh meiga e altiva creação sublime,

Oh perigosa e lyrial creança!
Tão doces sendo como é doce a Esperança,
Mais negros são do que o remorso e o crime.

LUIZ GUIMARÃES.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 23)

II

O irmão da condessinha

A porta da sala abrira-se e entrara uma senhora alta, de cabello muito loiro, d'esse loiro muito quente, que denuncia a pintura, toda vestida de preto, com uma grande elegancia luxuosa.

A condessinha, que ia para responder a seu irmão, calou-se á entrada da recem-vinda, e Roberto, olhando para a porta, reconheceu quem chegava e fez-se extremamente pallido.

—Ah! está cá! Ainda bem! disse a senhora loira dirigindo-se apressada a Roberto.

—V. ex.ª aqui? Ha alguma novidade?

—Ha infelizmente, ha, respondeu a recem-chegada com a voz um pouco tremula pela commoção.

—O que? meu pae...

—Seu pae teve agora um ataque, no Gremio.

—Um ataque?

—Sim, estava a conversar, e de repente cahiu para o lado sem sentidos. Levaram-n'o n'um trem a casa.

—Uma apoplexia, então?

—Não, um medico que o acompanhava diz que não é nada de gravidade, que é apenas uma syncope nervosa.

—Ah! suspirou um pouco mais tranquillisado da sua forte primeira impressão.

—E creio que o medico não se engana, porque o conde logo depois de chegar a casa, voltou a si. Está muito abatido ainda, muito assustado sobre tudo, mas já falla e já vê...

Este dialogo rapido, fôra dito em voz baixa, quasi ao pé da porta da entrada.

Do lado da grade, as duas educandas e a abbadessa não podiam ouvir uma palavra d'elle sequer, e muito admiradas, seguiram, com olhar intrigado, essa animada conversação entre Roberto e aquella senhora, inteiramente desconhecida para todo o convento.

A abbadessa estava intrigada e ao mesmo tempo pouco satisfeita. Não conhecia nada o mundo; entretanto os ares da mulher loira, que entrára, não lhe cheiravam lá a grande coisa: no loiro espantado do seu cabello, no seu modo de vestir, no seu modo de andar havia um não sei quê de suspeito, que a fez pensar na mestra de piano, na tal que fugira com o capellão; e como o dialogo de Roberto com a desconhecida se fosse já demorando, a abbadessa, que tinha ainda muito fresco na memoria o terrivel escandalo, tocou uma campainha chamando a rodeira para intervir na animada e semceremoniosa conversação d'aquella mulher e d'aquelle homem que via pela primeira vez na sua vida, e que sem fazerem caso d'ella, sem lhe ligarem a mais pequena importancia, se punham a palestrar um com o outro, ali, como se aquella sala do convento fosse uma praça publica.

Mas não foi preciso a freira intervir. Depois de trocadas algumas palavras em voz baixa, a desconhecida encaminhou-se para a grade, acompanhada de Roberto.

—Minha irmã, disse este dirigindo-se a Elisa, não conheces esta senhora?

—Não, respondeu a condessinha cada vez mais intrigada.

—E' esta menina? perguntou a desconhecida a Roberto indicando Elisa.

—E'...

—Imaginava-a muito mais pequena, muito menos senhora.

—Esta senhora, continuou Roberto dirigindo-se a sua irmã, é aquella a quem nosso pae confiou de ha muito a direcção e o governo da casa...

—Ah! exclamou Elisa muito surprehendida porque imaginara sempre que a governante de seu pae, e em quem elle varias vezes lhe fallara, era uma mulher velha, pobre, modesta, uma creada antiga em summa, e via de repente uma mulher formosa, nova ainda, elegante, com um luxo correctissimo, que daria nas vistas a todo a gente, quanto mais a uma pobre creança de 15 annos, que do mundo só conhecia a sua herdade, lá escondida pelas margens do alto Douro, e o seu convento fechado a sete chaves e cercado de grades como uma prisão do estado.

—Imaginava que tu a conhecias, que a tivesses já visto...

—Não. Quando vim do Douro fui para um hotel com o papá, porque o palacio estava em obras, e do hotel vim para aqui.

—Exactamente; quando esta menina chegou, disse a governante do conde, corando ligeiramente, andavam obras lá em casa, e foi por isso que o cond... que o senhor conde, emendou logo, se alojou no Bragança.

—Ah! esta senhora é a governanta de s. ex.ª, perguntou a abbadessa, entremetendo-se na conversa e furiosa por não fazerem caso d'ella.

—Sou a administradora da casa do sr. conde, confirmou a mulher loira, regeitando o titulo demasiadamente servil de governanta. E continuou logo, muito desembaraçada.

—Mas estamos a perder tempo em apresentações e não é a melhor occasião para o perder. Venho buscar esta menina.

—A mim? perguntou Elisa, não podendo reprimir um impeto de juvenil alegria, ao pensar em sahir d'aquella prisão.

—A ti? perguntou ao mesmo tempo Clarinha, muito sobresaltada, com a idéa de perder a sua amiga, de ficar outra vez ali só.

E a pergunta de Clarinha annuviou a alegria subita de Elisa, que no primeiro momento se esquecera da sua querida companheira.

—Buscal-a? interrogou quasi que tambem ao mesmo tempo a abbadessa, enrugando a testa; perdão, agora não ha ferias, e as minhas educandas só podem sahir d'aqui durante as ferias grandes e muito excepcionalmente nas ferias do Natal e da Paschoa.

—Minha senhora, disse severamente a governanta em tom de quem estava habituada a dar ordens, esta menina hade sahir hoje mesmo, porque é preciso que saia.

—Mas o regulamento da casa?

—E' uma ordem de seu pae, concluiu ella.

—Do sr. conde? Perfeitamente, eu respeito as ordens de S. Ex.ª, mas o sr. conde hade ser o primeiro a concordar que assim, de repente, uma transgressão aos usos da casa...

—Meu pae está doente e quer ver sua filha, intreveio Roberto.

—Meu pae está doente? perguntou assustada Elisa.

—Ah! n'esse caso, cedeu a abbadessa. A senhora traz ordem escripta d'elle, para deixar sahir sua filha?

—Não trago ordem escripta porque o conde... o sr. conde, não póde escrever... Foi accommettido d'uma syncope...

—Meu pobre pae, interrompeu Elisa chorando.

—Mas quem me garante, instou a abbadessa, passando-lhe pelo espirito novamente a recordação do escandalo da mestra de piano, quem me garante que tudo isso é verdade?

—Minha senhora! disse Roberto com dignidade.

—Eu não quero offender ninguem, mas não conheço v. s.ª como irmão d'esta menina, nem esta senhora como emissaria do sr. conde, e não posso deixar sahir do meu convento uma educanda, entregue apenas a duas pessoas, que podem ser muito honradas, muito capazes, mas que no fim de contas eu não conheço.

(Continúa.) GERVASIO LOBATO

EM FAMILIA

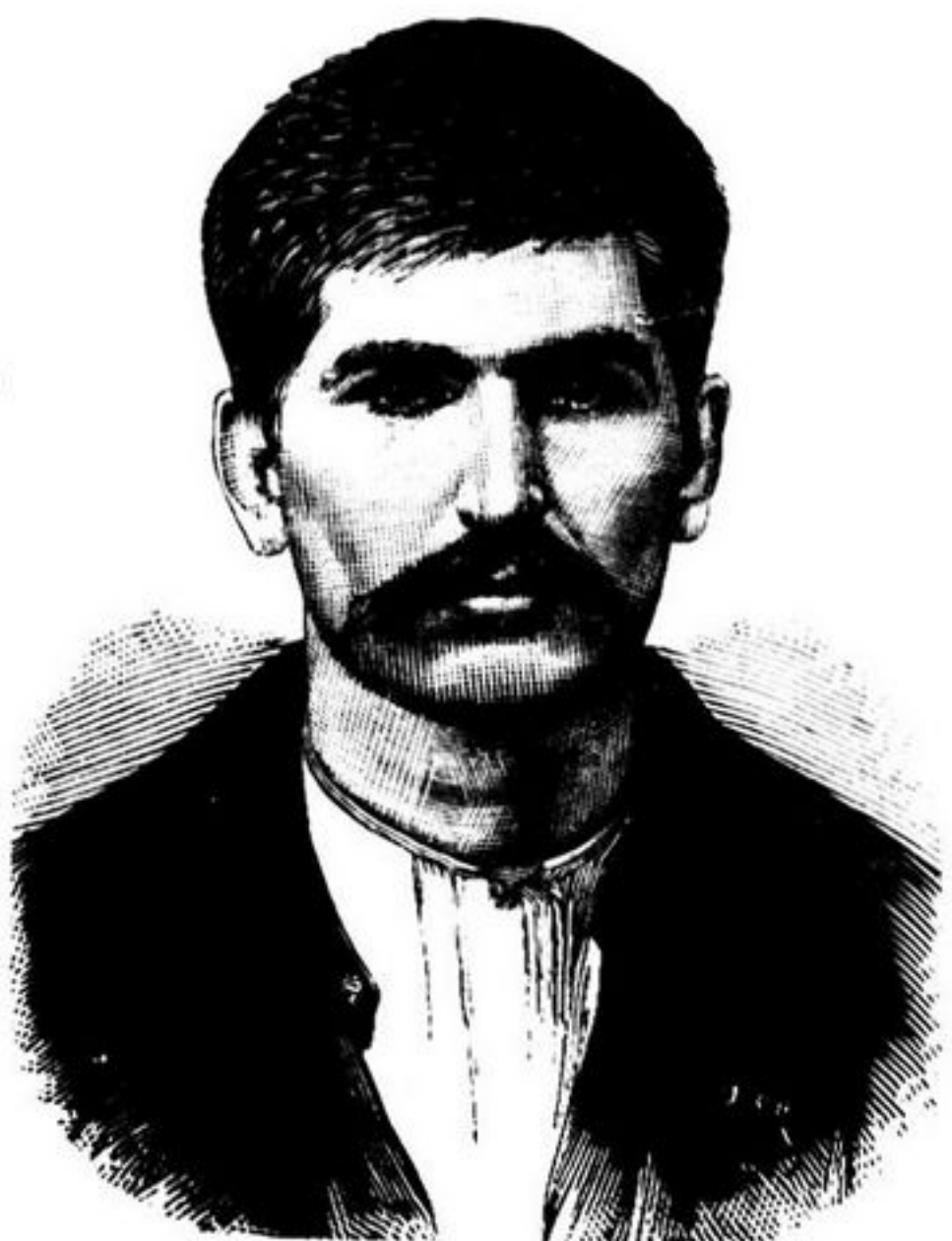
(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Vigia o que tens no corpo e na espada.—2—1.
Tenho no livro e aqui o que prende este alado—1—1—1—1.

Gaya. R. PINTO.

A CADEIA DO LIMOEIRO

JOÃO LOURENÇO

SAEZ MARTINEZ

Nos tanques não existe esta bebida—2 -2.
No mar queima este insecto—2—2.

Gaya. S. Reis.

Em Cuba ha um animal que roe o insecto—1—2.
Em arrefecendo, este animal corre —1—2.
Temos no corpo e no Alemtejo uma familia—1—1.
Tenho compaixão de todo aquelle que existe e padece—1 —2.

J. F. B.

EM VERSO

Se este pronome antiquado —1
A certaarvore juntares,—2
Talvez fiques espantado
Por inda pronome achares.—1

Se és matador consumado,
Só direi, p'ra a decifrares,
Que artista terás achado
Se acaso bem procurares.

Matheus Junior.

LOGOGRIPHO

(POR LETTRAS)

(A X. Rodrigão)

Uma mulher achareis,—7—8—5—2—7—4—6.
que foi sempre estonteada:—5—8—4—3—2.
possuia estes ornatos,—1—8—4—6—9.
mas era doida, coitada!—4—3—9—6—3—2.

Tinha garbo, era elegante—6—4—7—8—5—2.
a flôr de rara belleza,—7—8—5—6.
que á procura d'esta planta—1—8—4—8.
foi a villa portugueza.—3—4—5—6.

E nada mais já darei
sem ser o conceito, não!
Pois que elles, meus charadistas,
fazem a guarda ao sultão.

Castello Branco. A. C. Meruje.

ADIVINHAS POPULARES

Eu sou velha, não o nego,
E o inverno me faz cega,
Os olhos me veem no verão,
Tenho um filho por brasão,
Que a muita gente faz perder
Honra, brio, consideração.

Um gigante de bella feição,
Tem doze filhos do seu coração,
Cada filho tem trinta netos
Meios brancos e meios pretos.

PROBLEMA CHINEZ

Feito em 2600, antes de Jesus Christo

No meio d'um tanque quadrado, cheio d'agua, tendo de lado 10 metros, existe um tronco, que se eleva 1 metro acima do nivel do liquido. Puxando o tronco para o meio d'um dos lados, elle attinge a borda do tanque. Pergunta se qual é a altura da agua.

M. d'Almeida.

DECIFRAÇÕES

Das charadas novissimas:— Cabello—Regalo—Frioleira—Corsega — Barcarola — Camarão — Lagosta—Linguado—Chalemanta.

Das charadas em verso —Relachado—Dardo.

Do logogripho:—Thuribulo.

Das adivinhas populares:—Relogio - Espingarda.

Do enigma:—E' grande o effeito das grandes acções.

Do problema:—Conforme os filhos gemeos são os mais velhos, os mais novos, ou os segundos em edade, assim se tem $x+x+d+2(x+2d)=24$, $2x+x+d+x+2d=24$, $x+2(x+d)+x+2d=24$, sendo *d* a differença constante das edades. Da primeira tira-se $x=6-\frac{5d}{4}$, da segunda $x=6-\frac{3d}{4}$ e da ultima $x=6-d$. O maximo absoluto de *d* é pois 8 annos, e n'este caso os gemeos são os recem-nascidos, o mais velho tem 16 annos e o segundo 8. O minimo valor de *d* não sendo zero, por que seriam então gemeos todos os filhos, o que é incompativel com as condições do problema, é indeterminado. Impondo porém a condição de haver um filho recem-nascido, então o minimo é evidentemente 4,8 annos, sendo então gemeos os dois filhos mais velhos, cada um com 9 annos e 219 dias, e tendo o immediatamente inferior a estes em edade 4 annos e 292 dias.

Pequena correspondencia

A. Reis.—Porto.—Bonita calligraphia, mas versos incorrectos. Como nos não sobeja o tempo para emendar as incorrecções do proximo, ficarão para segunda leitura.

AS NOSSAS GRAVURAS

CARRO DE GALA DE EL-REI D. JOAO V

Acaba de figurar nos funeraes do sr. D. Fernando.

E' um carro sumptuoso e enorme, de estylo Luiz XV, com preciosissimos ornatos habilmente executados.

Na parte posterior vê se um grupo allegorico, de bella concepção. No centro está a figura da Lusitania, entre duas esculpturas magnificas representando a Abundancia e o Commercio; aos pés, sobre um tropheo artistico, vê-se um indio e um negro, symbolisando as nossas possessões na Africa e na America. A allegoria é completada por grupos de genios alados, flores e outros ornatos.

O carro de D. João V é uma reliquia preciosa, que demonstra cabalmente a magnificencia da côrte portugueza em principios do seculo XVIII. A sua forma geral tem uma grande relação com a de outros vehiculos de gala, que existem nas cavallariças da casa real, taes como os coches do *infante D. Fernando, D. Affonso VI e D. José I.*

E' envidraçado quasi em toda a volta, com magnificos crystaes, e forrado de veludo carmezim bordado a oiro.

Foi construido, segundo se affirma, em 1705, mas ignora-se o nome do artista que o fez.

A NATIVIDADE

(QUADRO DE CORREGGIO)

Lomazzo chamou a este bello quadro, reproduzido pela nossa gravura uma das obras mais admiraveis do mundo; Richardson disse d'elle que era a primeira pintura do universo; e Mengs admira-o sob todos os aspectos, invenção, distribuição, expressão, colorido e claro-escuro.

Correggio tirou, sem duvida, do Evangelho da infancia a ideia d'esta téla. Ali se lê que José e Maria estavam proximos de Bethleem quando a noite os obrigou a recolherem-se n'uma caverna. Como a Virgem se sentisse prestes a ter a creança, José foi procurar uma parteira. Quando voltou, achou a creança brilhante como um sol, defronte da mãe e dos anjos que a adoravam.

Este assumpto convinha ao talento de Correggio; ninguem, melhor do que elle, era capaz de pôr em relevo os effeitos do claro-escuro. A simplicidade da composição é um rasgo de genio.

Como na maior parte das obras de Rembrandt, é a luz que dá a este drama mystico a poesia e a commoção. O menino Jesus acaba de nascer, e está deitado em cima d'umas achas de lenha, cobertas com palha: a Virgem, de joelhos, inclina-se para o recem-nascido, e contempla-o cheia d'amor. A' esquerda, duas mulheres e um camponez velho olham para a creança. Ao fundo, á direita, por detraz da Virgem, S. José pucha com força pelo burro, que parece querer farejar o recem-nascido. No alto da composição vêem-se anjos pairando sobre o berço do Deus desconhecido. Eis todo o quadro. Mas a sua belleza, a sua poesia inexprimivel vem d'aquella luz, que parte do corpo radiante da creança, innunda o rosto da mãe; offusca as mulheres e o pastor; illumina até os anjos do alto do quadro; passa pelo S. José, e vae confundir-se gradualmente com os clarões da aurora, que desponta. Aquella luz tem o que quer que seja de sobrenatural. Para fazer sobresair a sua extraordinaria vivacidade, Correggio pintou uma das mulheres cobrindo a cara com a mão, e pestanejando, como quem tem a vista demasiado fraca para poder supportar aquelle clarão estranho e intenso.

O NOSSO BRINDE

Além dos dois quadros de Correggio e Raphael, pareceu-nos opportuno dar n'este numero, como brinde, um outro quadro, de duas paginas, representando uma das scenas de perseguição contra os christãos dos primeiros seculos da Egreja.

Como é sabido, os christãos perseguidos refugiavam-se, n'aquella época, nos antros e catacumbas, preparando-se ali para o martyrio, por meio de fervorosas orações.

E' n'essa attitude que o artista pintou as duas principaes figuras do quadro—duas martyres—, illuminando-lhes as frontes com uma luz clara e suave.

A CADEIA DO LIMOEIRO

(LADO DO EDIFICIO POR ONDE SE EVADIRAM OS DOIS CRIMINOSOS)

A nossa gravura representa o logar onde se realisou a arriscadissima descensão dos dois criminosos, João Lourenço e Martinez.

Quem quizer dar o valor exacto ao arrojo de ambos os fugitivos, olhe para aquella janella collocada no alto da estampa; calcule a distancia que vae d'ali ao fosso; imagine uma corda d'esparto, mal fabricada, suspensa d'aquella grade; dois corpos pezados, percorrendo por uma corda todo o espaço até ao chão firme; e, por sobre tudo isto, a perspectiva d'um tiro a meio da descensão, disparado pela sentinella, ou d'uma baioneta apontada ao peito, no caso possivel de ter o soldado surprehendido os criminosos, quando elles punham em pratica o seu audacioso plano.

JOÃO LOURENÇO E SAEZ MARTINEZ

(OS EVADIDOS DO LIMOEIRO)

E' sobejamente conhecida a historia d'estes dois heroes do crime, que, n'uma noite chuvosa e escura de novembro ultimo, conseguiram evadir-se da cadeia do Limoeiro, deixando atraz de si um rastro de sangue

Ambos elles se tornaram celebres pela espantosa audacia com que foi realisada a fuga.

João Lourenço, por alcunha o João *Pequeno*, não completou ainda 28 annos; é natural da Beira Baixa, e veio, ainda muito novo, para Almada, onde foi admittido ao serviço d'um marchante.

O amo, a principio, encarregou-o de guardar os carneiros destinados ao talho, e mais tarde de exercer as repugnantes funcções de magarefe, em que se tornou perito.

Mas não era só para matar rezes que João Lourenço mostrou uma vocação decidida. Ao mesmo tempo, revelava bellas disposições para a lodroeira, dizimando de vez em quando o rebanho confiado á sua guarda.

Apanhado pelo patrão em flagrante delicto, foi despedido, e passou a residir no Pragal, em companhia d'uma amasia. Abriu ali uma venda de vinho e azeite, e fez-se commerciante, mas, para não perder o costume de roubar, foi roubando os fornecedores, auxiliado pela companheira do *ménage*.

A justiça poz o seu *veto* a estas traficancias, e condemnou João Lourenço a dois annos de prisão cellular, seguidos d'uns tantos de prisão correccional.

O resto sabe-se. Querendo fugir ao captiveiro, planeou com o hespanhol Martinez a sua evasão, mas foi agarrado pela policia, e lá está, guardado á vista, na casa forte do Limoeiro.

João Lourenço é homem destemido e audacioso. Dil-o a sua perigosa evasão dos quartos altos do Limoeiro a sua descida, n'uma noite escurissima, para o fosso da cadeia.

Não falta quem lhe attribua o assassinio da sentinella, crime que vae sempre negando obstinadamente, mas que, segundo todos os indicios, foi por elle praticado.

•

Saez Martinez, o hespanhol, companheiro de João Lourenço, é filho de uma familia modesta, mas de boa educação. As suas extravagancias de rapaz levaram-n'o á condição de contrabandista, e mais tarde ao crime de roubo, pelo que foi condemnado no tribunal da comarca de Redondo á pena de degredo, pena que lhe foi commutada em oito annos de prisão.

Como o o seu socio, o magarefe d'Almada, Martinez jogou a vida na difficilima descensão dos quartos altos do Limoeiro para o fosso do edificio.

O portuguez, conforme é sabido, foi preso pouco depois da descida, quando apenas tinha arriscado meia duzia de passos na rua.

O hespanhol deu mais que fazer ás auctoridades.

Conseguiu illudir a vigilancia dos seus perseguidores; passou á margem esquerda do Tejo, e, atravessando charnecas, caminhando dia e noite, temendo mais a perseguição dos homens que a dos lobos, soffrendo fome e frio, foi parar ao monte da Barca, uns tres kilometros acima de Coruche. Ahi foi preso, remettido á cadeia da villa, e de lá conduzido para Lisboa, sendo aqui interrogado e acariado com o seu cumplice.

Ao contrario de João Lourenço, Saez Martinez não é antipathico, não repugna. Na sua presença até nos sentimos inclinados á commiseração, vendo-o delicado, bem fallante, obediente, sempre disposto a seguir as ordens da auctoridade.

SACRA-FAMILIA

(QUADRO DE RAPHAEL DE SANZIO)

Esta formoso quadro de Raphael, que se admira no Louvre, em Paris, é uma das mais bellas obras do grande artista, senão a sua obra prima. Depois de a contemplarmos, ficamos tambem com vontade de lhe lançar flores por cima, como fazem os dois anjos, que, entrando ali, na casa do Senhor, muito naturalmente e sem causarem espanto algum ás pessoas do grupo, concorrem todavia, pela sua simples presença, para nos fazerem de prompto reconhecer n'aquella familia humana uma familia divina.

CURIOSIDADES

A INSTRUCÇÃO DOS CÃES.—O CABELLO POSTIÇO

Todos os annos, pelo outono, ao reunir-se em Londres a *British Association*, os sabios inglezes teem alguma idéa com que assombrar o mundo.

Este anno, sir John Lubbock, uma das maiores notabilidades da sciencia britannica, leu uma Memoria curiosissima, provando com factos e experiencias notaveis, a possibilidade de educar intellectualmente os cães.

O sabio inglez quasi que chegou a pedir o estabelecimento de escolas para a raça canina.

Sir Lubbock parte da theoria darwiniana de que o intellecto dos homens e o dos animaes de ordem superior variam em grau mas não em genero, e chega á conclusão, provada por factos, de que é possivel educar os cães, ensinar-lhes a leitura, as linguas, a mathematica, etc., pelo mesmo systema que se applica aos surdos-mudos.

As idéas de sir John Lubbock foram uma revelação para os outros sabios que assistiam ao Congreso.

Recordaram uns que os cães reteem facilmente a significação das phrases mais usadas e percebem perfeitamente quando se falla d'elles ou quando os donos manifestam qualquer desejo.

Disseram outros—e é certo—que os cães transportados para um paiz distante d'aquelle em que vivem, aprendem a nova lingua muito mais rapidamente que os donos.

O professor Fowler cantou as proezas do seu cão, realmente admiraveis. Este animal conhece tão bem os seus deveres religiosos, que se nega obstinadamente a sair a passeio, aos domingos, embora nos outros dias não goste de parar um instante em casa.

Outro enthusiasta chegou a declarar, sem vacillações, que a raça canina civilisada é muito superior á raça humana por civilisar; e citou o caso dos habitantes da Terra do Fogo que, nos annos de pouca pescaria, comem os proprios paes, crime de que seria incapaz o cão mais degradado e selvagem.

Estamos, pois, em plena reivindicação moral da raça canina. Dentro em pouco, far-se-ha a selecção intellectual dos cães, porque, segundo sir John Lubbock, estes animaes teem caracteres tão diversos como os homens. Ha-os comilões, economicos e sobrios, reconhecidos ou vingativos, maus ou generosos, magnanimos ou miseraveis, inclinados á sciencia ou a gymnastica, etc.

Estabelecidas, portanto, as escolas para cães, veremos uns aprovados outros reprovados, cães proprios para os labores mais grosseiros e cães destinados aos altos postos do saber ou da utilidade canina.

Se já hoje pagam contribuição, n'esse dia futuro ficarão tambem sujeitos ao serviço militar, nem mais nem menos que como em antigos tempos.

Conforme é sabido, os gregos e os romanos incluiam nos seus exercitos cães vestidos com cota de malha, que, no campo de batalha, desempenhavam o papel de auxiliares poderosos. Cincoenta cães guerreiros salvaram Coryntho, atacando o inimigo, que esperava surprehender a cidade emquanto os habitantes dormiam.

Em mais d'um presidio faziam, até ha poucos annos, o serviço de guardas, varios cães ferozes, encerrados nos fossos que cercavam as prisões.

Actualmente, os russos teem cães militares nos seus acampamentos da Asia Central, desempenhando o serviço de sentinellas. Em verdade, nao as póde haver mais fieis: não se embriagam, não teem opiniões politicas, e, se dormem, é sempre com um olho fechado e outro aberto.

Ahi fica o aviso aos nossos directores do Limoeiro. Empre-

gando os cães como guardas, nos fossos da cadeia, talvez os Martinez não logrem escapulir-se, e as sentinellas estejam ao abrigo d'uma punhalada.

Mas investiguemos qual será a utilidade das escolas para cães, caso ellas cheguem a estabelecer-se, como parece desejar o sabio inglez.

O que lucrarão os cães aprendendo a leitura e os rudimentos da sciencia? Um cão mathematico será mais feliz por ter aprendido Euclydes e a algebra do sr. Motta Pegado?

Sir John Lubbock é um liberal convicto, e não quererá, por certo, estabelecer na raça canina as mesmas divisões sociaes que agitam a humanidade. Um cão que não soubesse ler por cima, não poderia supportar nunca um outro versado nos classicos latinos.

Temos já porcos sabios – os do clown Rentz – e macacos que imitam os seus donos d'uma forma espantosamente humana.

Mas um bull-dog que lesse as cartas amorosas da sua dona ou um Terra-nova apaixonado pela leitura de folhetins, seriam verdadeiramente intoleraveis

*
* *

SACRA-FAMILIA

(Quadro de Raphael de Sanzio)

Vae, dentro d'alguns dias, abrir-se em França uma exposição de penteados. A proposito d'isto, um jornal estrangeiro communica-nos os seguintes dados, ácerca do commercio do cabello postiço.

Este artigo, tão necessario para o embellezamento da mulher, é adquirido pelos cabelleireiros, por via d'agentes especiaes, que percorrem as povoações dos diversos departamentos, e que compram, a troca de dez ou quinze francos, d'um lenço de seda ordinaria, ou de cinco metros de percalina barata, as cabelleiras das raparigas.

Termo medio, uma cabelleira regular produz 300 grammas de cabello aproveitavel.

Os cabelleireiros compram depois o cabello aos agentes, a rasão de 120 francos cada kilogramma. Um negocio soberbo!

Em seguida, o cabello soffre diversas operações, que reduzem a 700 grammas uteis o pezo da porção adquirida.

As manipulações não são dispendiosas: para cada kilogramma, a despeza não excede 50 francos.

Mas porque preço revende o cabelleireiro uma mercadoria cedida quasi de graça pelas pobres campesinas? Por 30 francos cada 25 grammas. O kilogramma, redusido a 700 grammas, faz entrar na sua caixa, 840 francos.

O desembolso elevou-se—o maximo—a 170 francos: logo, o lucro é de 670 francos, sobre os quaes, pagas as despezas, fica ainda um ganho formidavel.

NAUTILUS.

Um conselho por semana

Receita para curar a inflammação dos olhos e fazer desapparecer a vermelhidão:

Misture-se a 200 grammas d'agua de rosas uma quantidade egual d'infusão de murta, 100 grammas d'infusão de herva escovinha, 100 grammas d'infusão de tanchagem, 35 grammas de mel e uma colher de chá, de vitriolo branco. Depois de bem misturado o todo, deixa-se repousar durante tres ou quatro dias, e em seguida filtra-se e guarda-se em garrafas bem rolhadas.

Para obter da composição os melhores resultados, basta lavar com ella os olhos doentes, muitas vezes no dia. Ao cabo de dois dias a cura será completa.

Obtem-se o mesmo resultado com esta solução:

Infusão de herva escovinha 100 gr.
Sulphato de zinco.......... 20 cent.

A RIR

Dá-se uma contestação diante da esposa de Calino, a respeito da edade do fallecido rei de Hespanha. Recorre-se ao almanach de Gotha.

—Não ha duvida, tinha vinte e oito annos, visto que nasceu em 1857, observa a pessoa que consultou o almanach.

—Está enganado, tinha vinte e nove, replica a mulher de Calino. O almanach que consultou é do anno passado.

*

Rozaria despede-se de uma excellente casa, onde exercia as nobres funções de criada de quarto.

—Fazes n'isso uma grande tolice, observa-lhe uma amiga.

—Mas que queres! não posso ali continuar por mais tempo, replica Rozaria, enchugando os olhos a uma ponta do avental. Preciso acabar com aquelle martyrio. O sr. está-me enganando constantemente com a senhora!

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA